

Utilização de agentes artístico-expressivos em indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo

Use of artistic-expressive agents in individuals with Autism Spectrum Disorder

Ana Paula Cardoso , Sara Felizardo , José Pereira , Paula Rodrigues , Joana Proença 

Escola Superior de Educação, CI&DETS e CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu

Resumo

Na abordagem de jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) são normalmente utilizadas terapias convencionais. Em alternativa, a investigação empírica tem vindo a alargar a base das evidências científicas que corroboram a eficácia da utilização da arte como forma de promover o desenvolvimento destes indivíduos. Assim, realizámos uma investigação que envolveu seis jovens com PEA, com idades compreendidas entre os 14 e os 23 anos, que frequentavam uma Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo. Foi seguida uma metodologia qualitativa, utilizando uma variedade de técnicas e instrumentos de recolha de dados (pesquisa documental, observação participante e estruturada, entrevista na modalidade de focus group, registo fotográfico e vídeo). O objetivo do estudo foi analisar a importância de duas atividades criativas e dinâmicas, a interação com uma instalação artística e a criação de um painel de arte colaborativa, na melhoria de competências sociais. A primeira atividade materializou-se na criação de um espaço em que os jovens foram transportados para situações de guerra, apelando aos sentidos e levando-os a colocar-se no lugar do outro. A segunda foi efetuada numa mesa digital, dando liberdade a cada indivíduo de se expressar graficamente e levando-o depois a partilhar, em grupo, pensamentos/percepções a respeito dos respetivos desenhos, tendo em vista desenvolver a capacidade de saber ouvir e aceitar as opiniões dos outros. Os resultados mostraram que as atividades artístico-expressivas tiveram um impacto positivo nas habilidades sociais dos participantes, evidenciando que a arteterapia constitui um meio facilitador do desenvolvimento e expressão da pessoa com PEA.

Palavras-chave: arteterapia, instalação artística, arte colaborativa, Perturbação do Espectro do Autismo (PEA)

Este projeto contou com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu, Portugal.

Ana Paula Cardoso  orcid.org/0000-0001-5062-4098, Sara Felizardo  orcid.org/0000-0002-4763-687X, José Pereira  orcid.org/0000-0003-2121-2240, Paula Rodrigues  orcid.org/0000-0002-3307-0254, Joana Proença  orcid.org/0000-0002-7618-6468; Escola Superior de Educação, CI&DETS e CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Rua Maximiano Aragão, 3504-501 Viseu, Portugal.

Correspondência relativa a este artigo: Ana Paula Cardoso – a.p.cardoso@esev.ipv.pt

Abstract

Young people with autism spectrum disorder (ASD) are often treated using conventional approaches. However, there is growing evidence from empirical research to support the positive effects of art therapy on the development of young people with ASD. To investigate this idea, a study was carried out with six young people with ASD, aged 14-23 years, at a Portuguese Association for Developmental Disorders and Autism centre. The qualitative methodology used for the study included a variety of data collection techniques and instruments (documentary research, participant and structured observation, focus group interview, photographic and video record). The aim of the research was to analyse the impact of two creative, dynamic activities (interaction with an art installation, and the creation of a collaborative art panel) on improving the social skills of young people with ASD. The first activity involved the creation of a space in which the subjects were placed in an imaginary war situation that appealed to their senses encouraged them to put themselves in someone else's shoes. The second activity was carried out using a digital art board that gave each subject the freedom to express themselves graphically, and then share their thoughts/perceptions about their drawings with the rest of the group as a way of developing their ability to listen to and accept other people's opinions. The results showed that artistic-expressive activities had a positive impact on the participants' social skills, thus developmental and expressive benefits of art therapy for people with ASD.

Keywords: art therapy, artistic installation, collaborative art, Autism Spectrum Disorder (ASD)

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) constitui um objeto de estudo em constante evolução científica, na tentativa de encontrar soluções, ou pelo menos caminhos, que contribuam para o bem-estar de quem apresenta estas perturbação. O termo "autismo" deriva do grego "autos" que significa próprio e indica-nos o estado de alguém que tendencialmente se afasta dos outros e do mundo, focando a sua atenção em si mesmo. O sufixo "ismo" remete para a ideia de estado ou orientação (Marques, 2000). Assim, podemos dizer que o indivíduo com PEA é alguém que vive em redor de si mesmo, focando a sua atenção no "eu", como se fizesse parte de um outro mundo, um mundo onde se encontra isolado e onde tem tudo o que necessita para sobreviver.

Como referem Lo-Castro, Benvenuto, Galasso, Porfirio e Curatolo (2010), o autismo é uma entidade etiológica heterogénea, causada por diversos mecanismos genéticos que ocorrem no sistema nervoso central, numa das primeiras fases da vida e que influenciam o desenvolvimento de circuitos cerebrais com diferentes níveis de hierarquia. Esta perturbação encontra-se relacionada com uma desordem neurodesenvolvimental severa que, de acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, DMS-5 (APA, 2013), se caracteriza por défices persistentes de comunicação recíproca e interação social em múltiplos contextos, bem como pela manifestação de padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Daqui se depreende a dificuldade em dar uso à capacidade imaginativa, em aceitar alterações de rotinas e a exibição de comportamentos estereotipados e restritos (Jordan, 2000). As crianças mais pequenas mostram sinais claros destes défices, revelando pouca ou nenhuma iniciativa em interagir socialmente, não partilhando emoções, transportando consigo uma reduzida capacidade de imitação dos comportamentos que veem à sua volta (Hewitt, 2006).

Devido a estas dificuldades, surge a necessidade do treino de competências sociais para ensinar os sujeitos a interagirem com outros de forma adequada (Kearney, 2009). Como exemplos de competências desenvolvidas nestas sessões estão o manter o contacto ocular, ou o cumprimentar e manter uma distância adequada aos contextos (Lopes, Rutherford, Cruz, Mathur, & Quinn, 2006).

As linguagens artísticas podem ser usadas como recursos terapêuticos, sem preocupação estética. O recurso à imaginação, ao simbolismo e a metáforas, enriquece e incrementa o processo (Sociedade Portuguesa de Arteterapia, 1996). Segundo Ciornai (2004), a arteterapia ajuda a mobilizar, facilitar e promover processos de expansão da nossa consciência; esta terapia consiste ainda numa junção de várias áreas, como a educação, a saúde,

a psicologia e a arte, nas suas variadas formas. A mesma tenta oferecer aos seus pacientes autoconhecimento, autonomia criativa, desenvolvimento da comunicação, valorização e uma transformação pessoal (Philippini, 2011).

Os indivíduos com PEA costumam afastar-se das brincadeiras e fugir das amizades, fixando a sua atenção em objetos específicos e atividades que lhes cativem o interesse (Hewitt, 2006). Vários estudos realizados têm revelado que a utilização de agentes artístico-expressivos em indivíduos com PEA traz bastantes benefícios principalmente a nível das capacidades comunicativas, da diminuição da ansiedade perante os outros e do aumento da interação com os seus pares (Alter-Muri, 2017; Coy Guerrero & Martin Padilla, 2017; D'Amico & Lalonde, 2017; Elkis-Albuhoff, 2008; Emery, 2004).

A terapia através da arte, segundo Oliveira e Oliveira (2016), constitui meio de comunicação que permite à pessoa falar de outra forma, libertar-se e também ajuda a alimentar o lado criativo de cada um, aumentando o conhecimento sobre o mundo e permitindo um desenvolvimento pessoal, social e emocional. Como referem Springham e Huet (2018), as artes são particularmente úteis para realizar experiências através do espelhamento, porque o objeto artístico sinaliza prontamente uma qualidade "não real", o que diminui o risco de o encontro relacional se tornar muito intenso.

Assim, delineou-se o presente estudo que teve como objetivo geral compreender em que medida a arte pode contribuir para o desenvolvimento e melhoria das competências sociais de jovens com PEA. Em termos mais específicos, procurou: i) identificar as principais lacunas nas competências sociais dos jovens participantes; ii) criar atividades através da arte para melhorar as competências sociais nestes jovens; iii) apreciar o contributo das referidas atividades no desenvolvimento e melhoria de competências sociais específicas.

Método

O estudo segue uma metodologia qualitativa com um carácter descritivo e interpretativo. Os dados foram recolhidos em ambiente natural e analisados de forma indutiva, sendo mais importante compreender os significados atribuídos pelos participantes envolvidos no processo do que a generalização dos dados.

Participantes

Participaram no estudo seis jovens com diagnóstico de autismo, cinco do sexo masculino e um do sexo feminino, com idades compreendidas entre os catorze e os vinte e três anos e, em geral, com um grau de escolaridade adequado ao nível etário (Tabela 1).

Tabela 1

Caraterização dos Participantes (P)

Variáveis	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Idade	19 anos	23 anos	15 anos	14 anos	22 anos	17 anos
Grau de Escolaridade	12.º ano	1.º ano de	9.º ano	9.º ano	12.º ano	9.º ano
		Licenciatura em Música			Escola Profissional	Escola Profissional

Todos os jovens frequentavam uma Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo (APPDA) da região centro de Portugal - uma instituição Particular de Solidariedade Social, que tem como principal objetivo a promoção da qualidade de vida das crianças, jovens e adultos com problemas de desenvolvimento e autismo.

Ao escolhermos trabalhar as competências sociais, não seleccionámos os mais novos, tendo em conta que é na

adolescência que esta carência mais se verifica e causa repercussões. Estes jovens exibiam dificuldades específicas ao nível das competências sociais, sendo que muitas vezes só conseguiam estabelecer diálogo (não coerente) com pessoas mais novas, sem contacto ocular, não demonstrando sensibilidade em relação ao outro (não compreendendo, na maioria das vezes, as vontades, desejos e até mesmo dores alheias), a maioria das vezes estes jovens recorrem ao isolamento social.

Na dimensão padrão de comportamentos e interesses, estes eram sempre restritos e repetidos, tendo em conta que, na presença de pares, o diálogo fugia sempre para os temas do seu "mundo", sendo a atenção dedicada a estes temas excessiva e intensa, condicionando, por vezes, rotinas e hábitos. Havia dificuldades no processamento sensorial, em exposição ao som, toque e contacto físico, no funcionamento cognitivo e emocional (linguagem e comunicação, gestão de amizades, autorregulação, empatia, gestão de conflitos e autonomia) e em respeitar os desejos e vontades do outro (não as compreendendo, na maioria das vezes).

Ao nível comportamental, evidenciavam dificuldades na manutenção do contacto ocular e na reciprocidade e revelavam interesses restritos e repetitivos em determinadas atividades e temas, apresentando um funcionamento rígido e, muitas vezes, quase robotizado na forma de fazer as coisas, reagindo de modo negativo a alterações ou a imprevistos, evidenciando grande resistência à mudança. Muitas vezes, eram demonstrados sentimentos de oposição e infantilidade, não sabendo reagir em situações que causam frustração, fazendo birra ou "fugindo".

De entre as várias competências sociais para uma boa interação social, selecionámos, para esta investigação, o colocar-se no lugar do outro e o saber ouvir/aceitar opiniões. Não desvalorizando as demais competências, considerou-se que estas duas permitem aos jovens uma maior interação em sociedade, facilitando a sua relação com os pares, controlando comportamentos menos apropriados perante situações em que é necessário entender o outro, ou aceitar opiniões distintas.

Técnicas e instrumentos de pesquisa

Neste estudo recorreu-se à pesquisa documental, com a consulta dos processos e relatórios dos jovens selecionados, à observação participante e estruturada, à entrevista semiestruturada através do *focus group* e a meios visuais (registo fotográfico e vídeo).

A observação participante foi acompanhada pelo registo de notas de campo sobre os comentários e comportamentos dos sujeitos observados ao longo das sessões. A observação estruturada foi levada a efeito através de uma grelha criada com o intuito de conhecer, previamente, o público-alvo da associação no que concerne aos principais défices em termos de competências sociais (atenção/concentração, autonomia nas tarefas de vida diária, aptidão motora, contacto ocular, comunicação, criatividade percebida na procura de soluções, etc.). Foram feitas observações em variados contextos (Terapia Comportamental ABA – do inglês *Applied Behavior Analysis*, Terapia da Fala, Treinos de competências sociais).

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, através da técnica do *focus group*, foram elaborados dois guiões, a aplicar no final de cada uma das atividades, com o intuito de coligir ideias, pensamentos, sensações e reações dos participantes, tendo em conta o tema geral da atividade e a análise do seu impacto na forma de pensar e/ou agir dos intervenientes.

Sendo entrevistas em grupo, estas permitem a interação entre os participantes e a criação de sinergias, originando mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais (Dias, 2000). Foi feito o registo de vídeo de cada uma das sessões de modo a que as entrevistas pudessem ser revistas as vezes necessárias.

Atividades desenvolvidas

No início do estudo foi feito um pedido de autorização à APPDA, na pessoa da Diretora da Associação, para a implementação do projeto. Foi também solicitado o consentimento informado aos jovens participantes. Depois das

autorizações devidamente assinadas, foram elaborados os instrumentos de recolha de dados (grelha de observação e guiões de entrevista semiestruturada) para se poder proceder ao registo das informações.

Após uma reflexão aprofundada sobre as competências a trabalhar e as formas de arte a utilizar em cada situação, foram concebidas duas atividades: o desenvolvimento de uma instalação artística destinada à sua exploração pelos sujeitos e a criação de um painel segundo o princípio da arte colaborativa.

Atividade 1: “E se fosse contigo?”. Nesta primeira atividade era apresentada de surpresa uma situação de guerra, apelando aos sentidos e focando os jovens para uma outra realidade. O objetivo da mesma foi o de levar os participantes a colocarem-se no lugar do outro, dando por si num ambiente decadente de guerra, vivenciando inicialmente esse ambiente e depois refletindo sobre o que aconteceu, o que sentiram e as expectativas para uma situação idêntica, mas de caráter real.

Esta atividade apelou a todos os sentidos dos jovens: foram queimados jornais e incensos para deixar um cheiro desagradável pelo ar e afetar o olfato; para apurar a visão (ainda que os olhos estivessem vendados, há sempre pequenas fugas de luz por cima e por baixo da venda), foram projetadas luzes a piscar intensamente nas paredes e teto; pelo chão havia jornais rasgados e esferovite que voavam com o ar forte que saía de uma ventoinha colocada estrategicamente a um canto, para que os participantes sentissem “coisas” a bater contra as suas pernas, e ao andar conseguissem perceber como seria mais difícil o simples ato de caminhar; foram ainda selecionados sons de metralhadoras, ambulâncias, pessoas a gritar, prédios, bombas a explodir, entre outros que fazem parte de um cenário de guerra. Os olhos dos seis jovens foram vendados para que estes se sentissem ainda mais perdidos e confusos, colocando-os desta forma o mais perto da realidade possível.

No final da atividade, foi efetuada a entrevista na qual todos os intervenientes tiveram um momento para refletir e falar abertamente sobre todo o processo pelo qual tinham acabado de passar. Acalmaram-se os ânimos, os medos e as inquietações e existiu uma grande partilha entre todos, sem que houvesse lugar para sentimentos mais negativos, como por exemplo, a vergonha.

Atividade 2: “Como vêes o mundo?”. A segunda atividade resultou num painel de arte colaborativa no qual cada sujeito realizava um trabalho segundo um tema sugerido “como vêes o mundo?”. O propósito desta atividade era o de saber ouvir a opinião do outro e perceber de que forma essa opinião pode alterar o próprio ponto de vista. Cada participante teve livre acesso a uma mesa digital para a criação do seu trabalho, sendo antes explicadas algumas funcionalidades básicas do programa (como mudar de cor, apagar, ou selecionar um pincel).

Para além de ser mais atrativo, o meio digital permite uma grande manipulação de cores e formas, dispondo de tudo o que podem utilizar fisicamente e a que já estão familiarizados, como os pinceis, as paletes de cor, borracha, lápis de várias grossuras... tudo se encontrava ao dispor na mesa digital. O acesso à tecnologia permite ainda voltar atrás na ação, sem ter de rasgar a folha inteira e começar tudo de novo, o que acaba por se tornar uma facilidade, tendo em conta que muitas vezes estes jovens revelam dificuldade em levar uma tarefa até ao fim. Se tivessem de a recomeçar seria ainda pior.

Os sujeitos eram então convidados a entrar, individualmente e em dias distintos, numa sala com a mesa digital de desenho à sua disposição. Inicialmente foi explicado o que estava a acontecer e foram partilhadas as regras (segredo sobre o tema e continuação das linhas que já se encontravam no ecrã, criando um desenho), depois, o jovem tinha liberdade para desenhar, sem tempo nem pressão, alguns deles pediram inclusive para ouvir música.

Durante a realização dos trabalhos para o painel, os jovens receberam a indicação de que não poderiam partilhar nada do que estava a acontecer com os colegas, sendo que o resultado final só foi conhecido na sessão de *focus group*, na qual o grupo recebeu os seus desenhos, e antes de montar o painel final, explicou aos outros participantes a relação entre o tema e o seu trabalho, demonstrando assim os seus pensamentos e sentimentos, em que cada participante teve de ouvir e tentar entender o ponto de vista alheio.

Resultados

Nesta secção apresentam-se os dados das entrevistas realizadas no final de cada uma das atividades: primeiro, os referentes à instalação artística e depois os da arte colaborativa.

Após a primeira atividade, como se pode observar na Tabela 2, os sentidos encontravam-se despertos, tendo em conta que metade dos jovens revelou diversas sensações, não através do olhar (sentido normalmente utilizado, mas que neste caso se encontrava propositadamente ausente), mas dando uso a outros sentidos como a audição ou o olfato.

Quanto à relação do presente com informações que já possuíam anteriormente, tais como, o ouvir falar da guerra, metade dos inquiridos demonstrou ter estabelecido essa associação mental, deixando-se transportar pelos sentidos para fora daquelas quatro paredes.

Em geral, os sujeitos estiveram perante uma atividade que lhes despertou os sentidos e fez estabelecer uma relação com o mundo exterior, utilizando para isso competências essenciais, tais como, a memória e a capacidade de transposição mental.

Tabela 2

Categoria: Percepção sensorial

Subcategorias	Descritores	Total
Ativação dos sentidos	“tive uma sensação esquisita” (E1)	6
	“fiquei confuso” (E1, E2, E4)	
	“ouvia tantas coisas” (E2)	
	“sentia sirenes” (E3)	
Associação lógico-mental	“Isto já nem parecia uma sala, parecia mais uma cidade da guerra” (E1)	6
	“fez lembrar uma porcaria de uma carrada de doidos a andarem para um lado e para o outro” (E3)	
	“fez me lembrar a Segunda Guerra Mundial” (E4, E5)	
	“parecia o fim do mundo” (E2, E5)	

Quanto à questão de como reagiriam numa situação de guerra (Tabela 3), um dos entrevistados referiu que corria, sendo que dois deles revelaram uma reação mais ambiciosa, tentariam fugir numa nave ou ser o herói e salvar toda a gente. Nesta experiência da instalação, um dos jovens referiu não ter tido qualquer tipo de reação e dois revelaram calma ao esperar que a situação passasse.

Tabela 3

Categoria: Tipos de reação em diferentes situações

Subcategorias	Descritores	Total
Reação extrema de fuga	“não sei, corria logo até me cansar” (E4)	1
Reação calma	“agarrei-me onde consegui chegar, procurei um local seguro” (E1)	2
	“fiquei a espera que passasse” (E2)	
Ausência de reação	“não reagi” (E3)	1
Reação ambicionada	“agarrava numa nave e fugia” (E2)	2
	“matava os soldados, salvava as pessoas e assim ia ser o Herói” (E3)	

O painel coletivo final resultante da segunda atividade pode ser apreciado na Figura 1. O painel foi constituído juntando os trabalhos individuais, como se de peças se tratassem. Cada desenho foi realizado de forma autónoma e explicado mais tarde para que todos pudessem usufruir da partilha da informação sobre o tema dado “como vê o mundo”.

Na fila de cima, o primeiro desenho mostra a sensibilidade para questões ambientais – carros a poluir o ar,

árvores cortadas e um rio com lixo. O do meio revela as personagens de uma série que o indivíduo gosta muito e o terceiro quis retratar uma memória de infância – sentar-se encostado a uma árvore a ver a felicidade dos outros meninos a jogar futebol, enquanto ele, pela sua perturbação, se encontrava de lado e fora destas brincadeiras típicas.

Na fila de baixo, o primeiro desenho revelou mais uma vez preocupações com questões climáticas, desenhando o mar, icebergs e um colete salva-vidas, tentando explicar que o mundo necessita que o protejam. O desenho do meio mostra três coisas que provocam muita felicidade ao participante – o símbolo dos deuses do Olimpo, uma pokébola e a música. Por último, o indivíduo desenhou um mundo feliz e fez questão de o escrever, porque para ele o mundo é assim mesmo, simples e feliz.

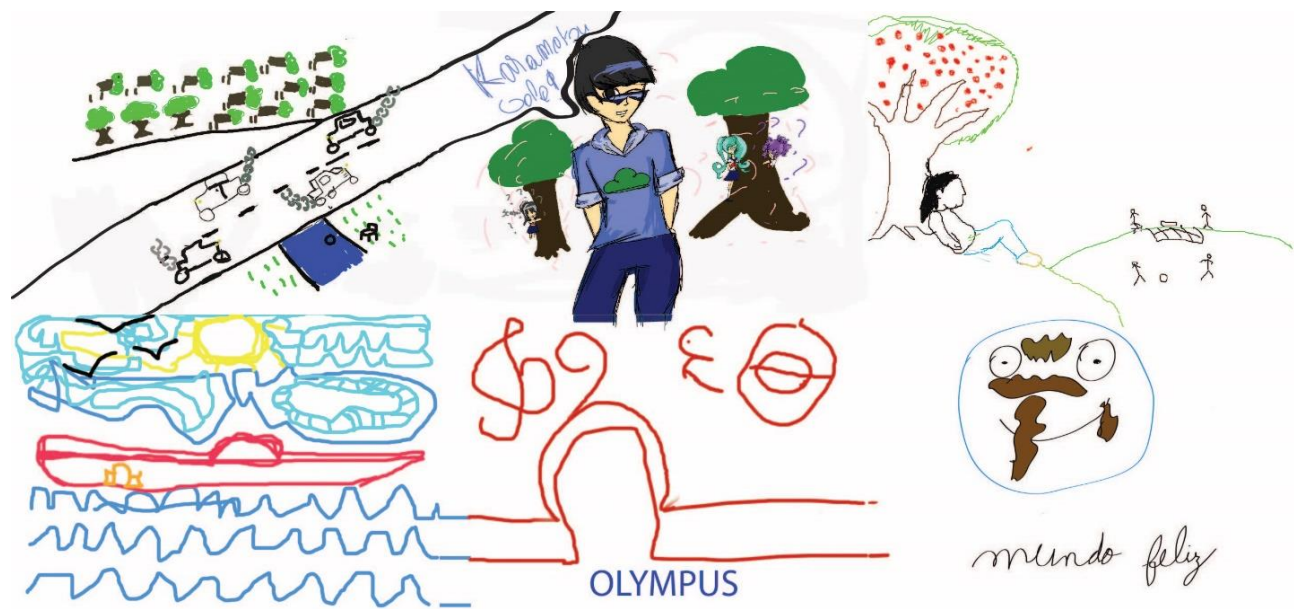


Figura 1. Pannel de arte colaborativa

Ao ser pedido para explicar a relação do tema “como vês o mundo?”, com o que escolheram desenhar, quatro participantes descreveram coisas que lhe trazem felicidade, como lugares, objetos ou gostos. Apenas um deles expôs outro lado, descrevendo o que deteriora o nosso mundo e alertando para a importância de tentar salvá-lo, demonstrando uma enorme capacidade de interação com o mundo que o rodeia, e uma preocupação visível com a sociedade e os problemas circundantes (Tabela 4).

Tabela 4

Categoria: Perceção do mundo

Subcategorias	Descritores	Total
Perceção egocêntrica centrada no próprio sujeito	“são personagens de uma série que eu gosto muito e que me faz muito feliz” (E1; E4); “desenhei 3 coisas de que gosto muito: o Ómega, o símbolo dos Deuses do Olimpo, as claves musicais e no final, todos pensam que é um estádio...mas é uma bola de Pokémon” (E2); “Supostamente aquele sou eu, porque desde pequenino que eu me sentava numa árvore que havia na minha escola e ficava a ver os miúdos felizes a jogar; e eu gosto de ver um mundo feliz” (E3).	4
Perceção mais alargada	“desenhei coisas que o planeta precisa para ser salvo” (E5)	1

Podemos inferir que, para a maioria dos entrevistados, a percepção do mundo encontra-se centrada no próprio e voltada para as coisas que provocam sentimentos positivos, como a segurança e a felicidade.

No que concerne à mudança de opinião, todos os jovens declararam ter alterado a sua opinião na forma como olham para o mundo. Dos entrevistados, cinco modificaram o seu ponto de vista, uma vez que tiveram a capacidade de ouvir, compreender e aceitar a opinião dos outros. Ou seja, o ouvir o parecer dos pares ajudou a alargar a visão dos próprios.

Ao serem questionados sobre o que mudariam se tivessem a oportunidade de alterar o trabalho, três deles optariam por desenhar algo diferente, mas sem alterar o que já tinham colocado no seu desenho no painel, apenas acrescentando alguns itens, personagens, ou objetos que perceberam ser igualmente importantes ao ouvir os seus pares.

Discussão

Nesta investigação participaram seis jovens com Perturbação do Espectro do Autismo, cinco dos quais são do sexo masculino. Este dado é relevante uma vez que há mais indivíduos do sexo masculino identificados e reconhecidos com PEA do que do sexo feminino, sendo por isso o principal alvo das intervenções psicoterapêuticas (Shattuck et al., 2009). Esta diferença nos comportamentos sociais relacionados com o género explica-se, em parte, pela capacidade de as meninas tenderem a mascarar os seus sintomas dos adultos observadores, por exemplo, através de comportamentos compensatórios, como ficar próximo dos colegas e ir entrando e saindo das atividades (Dean, Harwood, & Kasari, 2017).

De entre todas as competências sociais, igualmente importantes para uma boa interação social, selecionámos para o presente estudo o colocar-se no lugar do outro e o saber ouvir/aceitar opiniões. Nem sempre é fácil para estes jovens aceitar opiniões diferentes das deles, demonstrando, por vezes, comportamentos mais rígidos, como o “ruminar” de informação, o responder mal, torto e num tom de voz agressivo, o virar a cara, entre outros. A outra competência escolhida foi o saber colocar-se no lugar do outro, tendo em conta que esta população apresenta igualmente dificuldades em transpor-se para o lugar de outra pessoa, seja por que motivo for.

Foi necessário pensar muito bem na abordagem artística a utilizar com esta população e identificar estratégias para a melhoria das competências sociais. As atividades concebidas foram: desenvolvimento de uma instalação artística destinada à sua exploração pelos sujeitos e a criação de um painel sob a premissa de arte colaborativa.

A primeira atividade tinha como tema “e se fosse contigo?” e, através de uma instalação artística, surpreendeu os sujeitos com uma situação de guerra, apelando aos sentidos e mobilizando os jovens para uma realidade diferente. O objetivo desta atividade foi o de levar os participantes a colocarem-se no papel do outro, vivenciando inicialmente esse ambiente, e depois refletindo sobre o que aconteceu, o que sentiram e as expectativas para com uma situação similar.

O decorrer desta atividade despoletou variados sentimentos. Foram reveladas diversas reações e constatou-se uma sensação de desconforto demonstrada por expressões como “tive uma sensação esquisita”, ou “fiquei confuso”. Um dos jovens apresentou uma reação bastante vinculada, chorando no decorrer de toda a intervenção; no entanto, os restantes participantes foram tentando acalmar os ânimos, gritando “calma, está tudo bem! Vai passar depressa! Vem para perto de mim para não estares sozinho”. Estas expressões demonstram que a simulação criada pela instalação artística causou impacto na forma como estes jovens vivenciaram esta situação. A instalação conseguiu, através de um cenário bastante real e planeado, despertar os sentidos e estabelecer associação com informações adquiridas anteriormente.

Os resultados que pudemos observar, mostram-nos que, ao pensar em situações do género, mas reais, estes jovens ambicionam ter atitudes e reações que, na realidade (no espaço de simulação), não conseguiram ter. Muitos justificaram a sua atitude dizendo saber que se encontravam em segurança, para outros a situação foi tão real que o único pensamento seria correr e fugir para longe.

O facto de a atividade ser muito dinâmica cativou a atenção dos participantes, causando neles diversos sentimentos e provocando reações distintas. O objetivo inicial desta atividade foi cumprido na medida em que a maioria dos jovens conseguiu colocar-se no lugar do outro, percebendo o que as pessoas que vivem estas situações extremas sentem e qual o nível de gravidade do que ouvem constantemente nos meios de comunicação social.

Segundo Carvalho (2001), a arte funciona como meio de equilíbrio para o homem perante momentos mais complicados nas suas vidas, ajuda na melhoria de comportamentos disfuncionais e no autocontrolo, melhora a autoconfiança e contribui para reduzir o stress e a ansiedade. Ela proporciona um sentido de harmonia criado pelas capacidades de cada indivíduo e unificado no processo criativo (Alter-Muri, 2017). Assim, podemos concluir que esta atividade artística teve um impacto positivo nos participantes.

A adoção da estratégia de arte colaborativa, através de uma vertente multimédia, procurou intervir na capacidade de saber ouvir e aceitar as opiniões dos outros. Como referido, muitos destes jovens vivem no seu mundo, imergidos em padrões de comportamento e interesses, vinculados a objetos, materiais ou temas que gostam e que os cativam, sejam jogos, séries ou outras atividades nas quais se fixam. De acordo com DSM-5 (APA, 2013), os indivíduos com PEA são muito atraídos por estímulos visuais, revelando grande atração pelas cores e um enorme fascínio pelos ecrãs (e.g., *tablets*, computadores, telemóveis ou televisões). Desta forma, a reação esperada na atividade da arte colaborativa veio a confirmar-se. Os participantes revelaram uma forte admiração perante o material e uma grande curiosidade em experimentá-lo, o que ajudou na sua atenção/concentração no decorrer da atividade.

Para além das respostas obtidas na entrevista serem positivas e revelarem uma grande atenção no trabalho realizado, o que foi recolhido através das notas de campo foi mais rico do que na entrevista *focus group*. Cada participante teve liberdade para desenhar o que quisesse, a maioria mostrou interesses e gostos pessoais, tais como, “são personagens de uma série que me faz muito feliz”, ou “são três coisas que me fazem muito feliz”, o que tornou um pouco mais difícil a posterior interpretação de todos estes dados.

Desta forma, surgiram algumas questões: Será que os participantes revelaram algum desconforto ao terem de partilhar os seus gostos com um grupo? Será que, no ato da realização do trabalho foram encontradas formas de dar continuidade às linhas e solucionar o problema, sendo que, na sessão de *focus group*, por já ter passado algum tempo, essa explicação já não estava presente na memória? Será que tudo aquilo que foi referido pelos participantes é verídico?

Apesar destas dúvidas, importa realçar que, através destas intervenções, foi possível valorizar a originalidade, a criatividade e a autonomia dos jovens, paralelamente ao desenvolvimento das competências sociais visadas. Os participantes mostraram-se especialmente motivados pelos meios digitais que tiveram a oportunidade de manipular. A descoberta de algo novo não os assustou nem alterou, de alguma forma, os resultados. O à-vontade criado com o material foi quase instantâneo, sendo demonstrado a partir de reações como “isto é brutal!”, “o que é isto? Isto parece espetacular!”, ou “parece uma folha de papel grande, mas que tem tecnologia incorporada”. Os participantes corresponderam de forma positiva, respeitando as orientações e os pedidos feitos, obedecendo ao tema e às regras (por vezes, tentaram fugir das linhas que vinham dos desenhos anteriores) e estabelecendo uma boa relação entre o tema e o desenho conseguido.

Com o desenrolar da entrevista, foi possível perceber que a opinião dos colegas tinha sido ouvida, compreendida e aceite. Individualmente, cada trabalho transportava o seu significado, mas todos juntos ganharam uma vida completamente diferente. Os participantes perceberam que nem sempre a própria opinião é a única a ter em conta e que a perspetiva dos outros também é aceitável.

O estudo revelou que a utilização de agentes artístico-expressivos em indivíduos com PEA trouxe manifestos benefícios e que os jovens melhoraram os seus processos de comunicação e interação social, na linha do que diversas investigações atestam (Alter-Muri, 2017; Coy Guerrero et al., 2017; D’Amico e Lalonde, 2017; Van Lith,

Stallings, & Harris, 2017). Através das atividades desenvolvidas foi possível perceber como estes seres tão visuais se deixam seduzir pelo mundo artístico e como a arte pode intervir na melhoria e no desenvolvimento de competências sociais específicas, capazes de promover a capacidade dos jovens se envolverem e afirmarem nas suas interações sociais.

Seria interessante, no futuro, dar continuidade a esta investigação através de um projeto colaborativo, que envolvesse artistas e *designers* trabalhando em conjunto com estes jovens, de modo a criar projetos artísticos mais ambiciosos, que potenciassem as suas capacidades criativas.

Referências

- Alter-Muri, S. (2017). Art education and art therapy strategies for autism spectrum disorder students. *Art Education*, 70(5), 20-25. <https://doi.org/10.1080/00043125.2017.1335536>
- APA, American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, DSM-5* (5th ed.). Washington, DC: Author.
- Carvalho, M. (2001). Terapia cognitiva e comportamental através da arteterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 28(6), 318-321.
- Ciornai, S. (2004). *Percursos em arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*. São Paulo: Summus Editorial.
- Coy Guerrero, L., & Martin Padilla, E. (2017). Habilidades sociales y comunicativas a través del arte en jóvenes con trastorno del espectro autista (TEA). *Estudios Pedagógicos*, 43(2), 47-64. <https://doi.org/10.4067/S0718-07052017000200003>
- D'Amico, M., & Lalonde, C. (2017). The effectiveness of art therapy for teaching social skills to children with autism spectrum disorder. *Art Therapy. Journal of the American Art Therapy Association*, 34(4), 176-182. <https://doi.org/10.1080/07421656.2017.1384678>
- Dean, M., Harwood, R., & Kasari, C. (2017). The art of camouflage: Gender differences in the social behaviors of girls and boys with autism spectrum disorder. *Autism*, 21(6), 678-689. <https://doi.org/10.1177/1362361316671845>
- Dias, C. (2000). Grupo focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade*, 10(2), 141-158.
- Elkis-Albuhoff, D. (2008). Art therapy applied to an adolescent with Asperger's syndrome. *The Arts in Psychotherapy*, 35(4), 262-270. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2008.06.007>
- Emery, M. J. (2004). Art therapy as an intervention for autism. *Art Therapy. Journal of the American Art Therapy Association*, 21(3), 143-147. <https://doi.org/10.1080/07421656.2004.10129500>
- Hewitt, S. (2006). *Compreender o autismo: Estratégias para alunos com autismo nas escolas regulares*. Porto: Porto Editora.
- Jordan, R. (2000). *Educação de crianças e jovens com autismo*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação.
- Kearney, A. B. (2009). *Compreender a análise aplicada do comportamento: Uma introdução à ACC para pais, professores e outros profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Lo-Castro, A., Benvenuto, A., Galasso, C., Porfirio, C., & Curatolo, P. (2010). Autism spectrum disorders associated with chromosomal abnormalities. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 4(3), 319-327. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2009.10.006>
- Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, M., Mathur, S., & Quinn, M. (2006). *Competências sociais, aspetos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Braga: Psiquilibrios Edições.

- Marques, C. E. (2000). *Perturbações do Espectro do Autismo: Ensino de uma intervenção construtivista e desenvolvimentista com mães*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Oliveira, M., & Oliveira, R. (2016). A arteterapia no tratamento do transtorno do espectro autista. *VII Congresso de Iniciação Científica da FEPI* (pp. 1-4). Itajubá: Centro Universitário de Itajubá.
- Philippini, A. (2011). Narrativas na imagem: Consciência estética em arteterapia. In G. Ormezzano (Coord.), *Educar com arteterapia: Propostas e desafios* (pp. 15-20). Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Shattuck P. T., Durkin, M., Maenner, M., Newschaffer, C., Mandell, D.S., Wiggins, L., ... Cuniff C. (2009). Timing of identification among children with an autism spectrum disorder: Findings from a population-based surveillance study. *Journal of American Academy Child Adolescent Psychiatry*, 48(5), 474-483. <https://doi.org/10.1097/CHI.0b013e31819b3848>
- Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia (SPAT). (1996). O que é a Arte terapia? Obtido de: <http://arte-terapia.com/o-que-e-arte-terapia/>
- Springham, N., & Huet, V. (2018). Art as relational encounter: An ostensive communication theory of art therapy. *Art Therapy. Journal of the American Art Therapy Association*, 35(1), 4-10. <https://doi.org/10.1080/07421656.2018.1460103>
- Van Lith, T., Stallings, J., & Harris, C. (2017). Discovering good practice for art therapy with children who have Autism Spectrum Disorder: The results of a small scale survey. *The Arts in Psychotherapy*, 54, 78-84. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2017.01.002>

Fecha de recepción: 26 de septiembre de 2019.

Fecha de revisión: 25 de octubre de 2019.

Fecha de aceptación: 3 de noviembre de 2019.

Fecha de publicación: 1 de diciembre de 2019.